

A INFLUÊNCIA DE CONDICIONAMENTOS SOCIAIS SOBRE AS REALIZAÇÕES DA LATERAL PALATAL NA FALA PARAENSE

Eliane Pereira Machado Soares¹

Neste trabalho apresentamos resultados de uma pesquisa a variação da lateral palatal no estado do Pará, conforme os pressupostos teóricos da Sociolinguística Quantitativa. A amostra que serviu à análise é constituída de fala espontânea, registrada na forma de narrativa de experiência pessoal junto a 24 informantes nascidos nas cidades de Altamira, Belém, Bragança, Marabá, Soure, Santarém, totalizando 144 informantes, cuja estratificação obedeceu aos critérios de sociais sexo, escolaridade, faixa etária, e origem geográfica que constituem as variáveis sociais às quais relacionamos as realizações identificadas no corpus. O tratamento dos dados é feito com o uso do pacote de programas VARBRUL (98) em rodadas ternárias, conforme a quantidade de variantes identificadas para a variável linguística. Os resultados apontam para a forte correlação entre as realizações fonéticas - palatais, palatalizadas e despalatalizadas – e os fatores extralinguísticos considerados como parâmetros da variação da lateral palatal na fala paraense.

1. A lateral palatal no falar paraense

Grande parte s estudos realizados sobre a variação da lateral palatal no Português Brasileiro mostra a predominância da oposição da variante lateral palatal [ʎ] à variante semivocalizada [j]. Entretanto, este estudo realizado sobre o falar paraense descreve uma gama de variação mais ampla.

Em nosso trabalho² sobre essas variáveis pudemos identificar as seguintes realizações: *lateral palatal* [ʎ] [ba'raʎu] 'baralho'; *lateral palatalizada* [ʎ̃] [mu'ʎ̃] 'mulher'; *lateral alveolar/dental seguida de semivogal* [lj] [tra'balju] 'trabalho'; *lateral alveolar/dental* [l] [mu'ɛ] 'mulher', *semivogal* [j] [paja] 'palha', zero fonético [0] [tea] 'telha'.

Por razões estatísticas, só foram analisadas as seguintes variantes: para /ʎ/: lateral palatalizada [ʎ̃]; lateral dental ou alveolar (despalatalizada) seguida de semivogal [lj]; semivogal [j], as quais totalizam 3.832.³

A análise dos dados tem como suporte teórico-metodológico a Geo-Sociolinguística e a Teoria da Variação (Sociolinguística Variacionista (LABOV (1972)) e como suporte estatístico o pacote de programas computacionais VARBRUL (PINTZUK,1998).

¹ Profª. Dra. Eliane Pereira Machado Soares – Universidade Federal do Pará – Campus Universitário de Marabá-Faculdade de Estudos da Linguagem – Marabá – Pará- Brasil. Código Postal: 6850000. Endereço eletrônico: elianema@ufpa.br.

² Este artigo é parte integrante da tese de doutorado: *As palatais lateral e nasal no falar paraense: uma análise variacionista e fonológica*; orientada pela Profª. Dra. Maria do Socorro da Silva de Aragão. A análise geossociolinguística segue o modelo teórico-metodológico da Sociolinguística Quantitativa e a formalização dos processos fonológicos se faz pela Fonologia de Geometria de Traços (Clements e Hume, 1997). Os dados linguísticos utilizados fazem parte do Atlas Linguístico do Pará, coordenado pelo Prof. Dr. Abdelhak Razky da Universidade federal do Pará.

³³ Devido ao número de variantes foram realizadas rodadas ternárias. O nível de significância é analisado a partir de pesos relativos (.333).

Desse modo, a composição da amostra de fala se faz sobre dados coletados na área urbana de seis cidades paraenses localizadas em cada uma das seis mesorregiões do estado escolhidas pelo fato de serem as principais cidades do ponto de vista histórico e econômico de sua região, o que as tornam importantes centros irradiadores de cultura. O registro dos dados linguísticos foi feito por meio de entrevistas pelas quais foram obtidas narrativas de experiência pessoal de 24 informantes por cidade, totalizando 144 informantes, de acordo com um plano da amostra que obedece aos seguintes critérios: a) Anos de escolaridade: 0 a 8ª série do ensino fundamental; mais de 8 anos de escolaridade; b) Sexo (gênero): Feminino, Masculino; c) Faixa etária: 15-25; 26-45; + 46 anos; e) Origem Geográfica: Santarém (Baixo Amazonas), Marabá (Sudeste); Belém (Capital - Metropolitana de Belém); Bragança (Nordeste Paraense); Soure (Marajó); Altamira (Sudoeste).

A análise sociolinguística dos resultados estatísticos revelou que a variação linguística resulta de fatores tanto de ordem linguística quanto social. Neste trabalho especificamente consideraremos os fatores sociais, conforme definidos no plano da amostra.

2. A variação da lateral palatal no falar paraense

Na fala paraense a lateral palatal apresenta uma gama de variação na qual se observa uma gradação que passa pelas formas palatal e palatalizada até as formas despalatalizadas. Nesta análise, enfocaremos três dessas variantes a partir dos fatores sociais condicionantes, como podemos observar nas páginas seguintes.

2.1. Fator Sexo (gênero)

A tabela 1 mostra resultados que indicam que as mulheres tendem a usar mais as variantes [lʲ] (.346) e [lj] (.374); os homens, por sua vez, dão preferência à [j] com pesos (.392).

É o que se vê na tabela seguinte.

Tabela 1						
Sexo						
	[lʲ]		[lj]		[j]	
	N/%	p.r.	N/%	p.r.	N/%	p.r.
Fem.	1164/57	.346	745/37	.374	128/6	.279
Masc.	1106/62	.316	531/30	.292	158/9	.392
Total	2270/59	-	1276/33	-	286/7	-

Tabela 1: Sexo

Note-se, por esses índices, que a variante de maior preferência entre as mulheres é a variante [lj], seguida de [lʲ], enquanto entre os homens a preferida é [j] seguida de [lʲ], não em termos de pesos favorecedores (.316), mas por comparação desses com os pesos de [lj] (.292).

A nosso ver, coloca-se um aspecto importante: a variante palatalizada parece ter prestígio intermediário entre as duas categorias sociais, no sentido de maior aproximação com [lj] do que com [j], a primeira preferida pelas mulheres e a segunda, pelos homens. De modo inverso, a variante semivocalizada é mais prestigiada pelos homens e a menos prestigiada pelas

mulheres. Isso demonstra que a polaridade entre essas variantes se dá com [lj] de um lado e [j] de outro.

No tocante ao fator sexo, as primeiras pesquisas de Fischer (1958⁴, apud Paiva, 2004) já haviam demonstrado que as formas de maior prestígio ocorrem mais frequentemente na fala de mulheres do que na fala de homens.

Muitos outros estudos corroboram esta primeira conclusão de Fischer no que tange a diversos fenômenos de variação, e demonstram que o conservadorismo feminino quanto aos usos da língua está diretamente relacionado com o prestígio a eles associado, de maneira que uma forma inovadora aparece implementada na fala feminina conforme o valor social que lhe é atribuído.

Coulthard (1991, p. 25), mencionando estudos de Labov sobre a pronúncia do /r/, traz a seguinte conclusão:

Quando se analisam os dados relativos a diferenças entre falantes masculinos e femininos, os resultados mostraram claramente que, em todas as classes, as mulheres usaram (e também alegaram usar) maior porcentagem de forma de prestígio do que os homens, e que esse fato ocorreu particularmente no grupo da classe média inferior. O estudo deu a entender que as mulheres são mais sensíveis ao significado social da pronúncia do que os homens, portanto.⁵

É importante observar, como o faz Eckert (1997), que no estudo da variação não se deve levar em conta este fator meramente como categoria biológica em si mesma, mas como base da construção social que faz a diferenciação de papéis a partir de normas e expectativas para cada um dos sexos, atribuindo-lhes, pois, mais do que sexo, gênero. É o gênero que atribui normas de comportamento para homens e mulheres.⁶

De acordo com essa perspectiva, vejamos no gráfico como as tendências de uso na nossa amostra ocorrem em cada categoria.

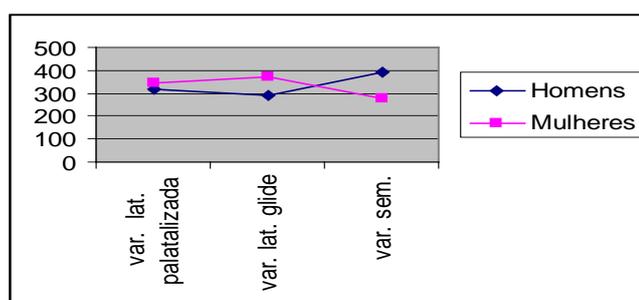


Gráfico 1: Distribuição das variantes de /ʎ/ por sexo

Vemos que a oposição entre homens e mulheres se dá entre a variante lateral+glide e a semivocalizada: as mulheres no sentido de implementar aquela variante e os homens, essa. Levando-se em conta todas essas observações, podemos atribuir o comportamento das variantes de nossa amostra ao prestígio a elas atribuído pelos informantes, conforme o sexo/gênero, o que significa dizer que a forma mais prestigiada é [lj], sendo essa uma variante do tipo inovadora, em comparação com as demais variantes da mesma variável linguística.

⁴ FISCHER, J.L. Social influences on the choice of a linguistic variant. *Word*. 1958. 14: 47-56.

⁵ *Ib.*

⁶ “Like age, sex is biological category that serves as a fundamental basis for the differentiation of roles, norms, and expectations in all societies. Is these roles, norms, and expectations that constitute gender, the social construction of sex.” (p. 213).

Ao que nos indicam as rodadas binárias, este grupo é de grande importância para a variação em estudo, pois foi selecionado em todas elas como grupo significativo.

2.2. Fator Faixa Etária

Este grupo de fatores apresenta os seguintes resultados: a primeira faixa etária favorece as variantes [l̥] (.335) e [j] (.378); a segunda favorece somente a [l̥] (.401) e a terceira, a [l̥] (.368), como se verifica abaixo:

Tabela 2						
Faixa etária						
	[l̥]		[l̥]		[j]	
	N/%	p.r.	N/%	p.r.	N/%	p.r.
15-25	673/63	.335	309/29	.287	78/7	.378
26-45	814/55	.295	580/39	.401	91/6	.304
+46	783/61	.368	387/30	.316	117/9	.316
Total	2270/59	-	1276/33	-	286/7	-

Tabela 2: Faixa etária

Os índices registrados acima são-nos surpreendentes e contrariam quase que totalmente as nossas hipóteses acerca dos usos das variantes em relação à idade dos falantes.

No caso da faixa etária de 15-25, vemos que há um leve favorecimento ao uso de [l̥] (.335) e índices bastante altos para [j] (.378), quando supúnhamos que ocorreria o contrário. Como vários estudos têm demonstrado, a variante [j] é a menos utilizada e até evitada entre os mais jovens, especialmente das zonas urbanas, por ser avaliada negativamente devido estar normalmente associada a aspectos sociais pouco prestigiados, como origem rural, baixa escolaridade e classe social desfavorecida.

Tais aspectos são confirmados em estudos feitos por todo o Brasil, como os de Silveira (1986), que relaciona o uso de [j] à fala caipira; de Rodrigues (1987), que identifica esse uso no falar de classes baixas e no “falar errado”; de Aguilera (1988), que o identifica predominantemente na zona rural; e de Aragão (1996; 1997), que registra a alta frequência de [j] na fala de informantes acima de 30 anos; dentre outros estudos.

É importante lembrar que os estudos variacionistas, quanto à faixa etária, entendem que variação decorre dos diferentes estágios de aquisição da linguagem pelos indivíduos. É o que nos dizem Silva e Scherre:

A linguagem é adquirida em sua grande parte até aproximadamente 14 anos (puberdade) e, teoricamente, observando-se uma pessoa de 50 anos, por exemplo, teríamos um reflexo do que se falava há 36 anos. Assim, as diferenças resultantes da comparação de diferentes faixas etárias poderiam indicar mudanças em processo de implementação no sistema. (SILVA E SCHERRE, 1996, p. 35).

Em função disso, a abordagem do fenômeno de variação, neste aspecto, é dita em tempo aparente, comumente utilizado nesses estudos e inaugurado por Labov: se aceita como fato que os falantes de uma língua adquirem a língua na primeira fase de suas vidas, sofrendo poucas modificações depois disso.

É curioso, portanto, o registro desses resultados, que indicam a preferência dos mais jovens por [j], rivalizando com [j̥], e do grupo mais velho por [j̥], tendo em vista que muitos desses têm origem rural.

Estudos de Aragão (1997), no ALPB, demonstram que a semivocalização é frequente nas faixas etárias mais altas, acima de 51 anos. Silva e Moreira (1997), a partir de dados do APERJ, atestam a maior incidência de [j] na fala de informantes mais velhos (acima de 56 anos, das três consideradas). Também é o que constata Soares (2002) no o falar de Marabá (PA) entre falantes acima de 46 anos.

Uma tentativa de explicação para os índices de nossa própria amostra leva-nos a dizer que a variante [j̥] e [j] estão sendo implementadas na fala desses informantes do seguinte modo: a variante [j] é variante inovadora e [j̥], variante conservadora, sendo também aquela a variante a de prestígio entre os jovens. No mais, o uso dessas variantes pela faixa mais jovem aponta para o caso de variação estável.

Vemos ainda que na fala dos mais velhos [j̥] é a variante prestigiada, o que pode estar relacionado à origem geográfica dos falantes, como veremos adiante. Nessa perspectiva não é absurdo que os mais jovens busquem usar aquela forma que representa um “avanço” em comparação com o grupo etário de idade mais alta; é possível, também, que por essa razão eles tendam ao maior uso de [j̥] ao invés de [j] que é a preferência de uso na faixa etária intermediária, e pode representar, em relação a essas duas outras, a variante realmente inovadora⁷.

Vejam como isso é representado no gráfico seguinte.

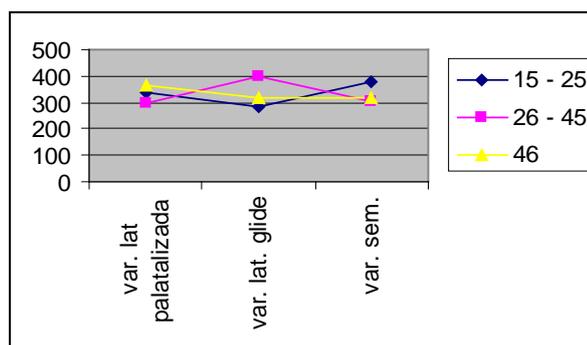


Gráfico 2: Distribuição das variantes de /k/ por faixa etária

Note-se que a variante palatalizada [j̥] tem aceitação aproximada entre todos os falantes nas três faixas etárias, havendo sobreposição entre mais jovens e mais velhos, isso continua ocorrendo para a variante lateral +glide [lj], e finalmente essas duas categorias se distanciam em relação ao uso de [j]. O que se constata aqui é a forte resistência dos mais velhos à despalatalização, pois eles colocam as duas variantes despalatalizadas no mesmo patamar, ao contrário dos mais jovens das duas outras faixas.

Pelas rodadas binárias, este grupo foi selecionado em duas delas, demonstrando assim sua importância para essa variação.

2.3. Fator Anos de Escolaridade

⁷ É bom lembrar que Labov (1966) atenta para o fato de que os mais jovens, por comparação com os mais velhos, tenderem ao uso de variantes estigmatizadas quando estão sendo observados.

A escolaridade tem se mostrado de grande relevância para a variação. O ensino de língua normatizador e prescritivo prevê o uso correto das formas linguísticas e estigmatiza as formas que se desviam dessas prescrições e por isso passam a ser consideradas não-padrão.

Sabe-se que a escola privilegia a escrita e a norma culta ou padrão, embora seja discutível o que a caracteriza ou o conhecimento que dela se tenha em termos de usos reais, mesmo na escola. O fato é que, em função do peso da tradição escolar faz com que determinadas pronúncias, expressões e construções possam ser dadas como “erro”, “desvio”, “inadequação” e até mesmo serem consideradas “feias”. E isso pode ocorrer dentro do próprio grupo social ou da própria região de origem do falante, ou ainda de grupo para grupo e de região para região, o que torna a questão ainda mais complexa.

Levando em conta esses aspectos, consideremos os resultados da tabela 11:

Tabela 3						
Anos de escolaridade						
	[lʲ]		[lj]		[j]	
	N/%	p.r.	N/%	p.r.	N/%	p.r.
0-8	1222/67	.213	727/36	.291	231/12	.426
+8	1048/52	.463	549/30	.338	55/3	.199
Total	2270/59	-	1276/33	-	286/7	-

Tabela 3: Anos de escolaridade

Como registrado acima, notamos que a menor escolaridade dos falantes os faz tender ao maior uso de [j] (.426), ao passo que a maior escolaridade os faz dar preferência a [lʲ] (.463) e [lj] (.338). Vê-se, assim, que há uma forte polarização entre [lʲ] e [j]: a primeira dessas variantes encontra-se associada ao maior tempo de exposição à escolarização e a segunda, ao de menor tempo. Já a variante [lj] tem leve favorecimento entre os mais escolarizados, depois de [lʲ], o que demonstra ser ela também associada à maior escolaridade, mas sem o mesmo prestígio associado ao uso de [lʲ].

Esses resultados confirmam estudos como os de Cagliari (1974), que relaciona a preferência por [j] à pouca instrução, à classe social mais baixa e à origem rural; Aragão (1997), que identifica no ALPB o uso de [j] preferencialmente na fala de analfabetos e com pouca escolaridade (primário completo/incompleto); Pontes (1996) a partir de um falar paranaense mostra que o uso de [j] está relacionado à menor escolaridade dos falantes, especialmente entre aqueles de origem caipira. Tais estudos demonstram, portanto, que a escolaridade é de fato interveniente na variação dessa variável.

Vejamos no gráfico seguinte a configuração do fenômeno em nossa amostra:

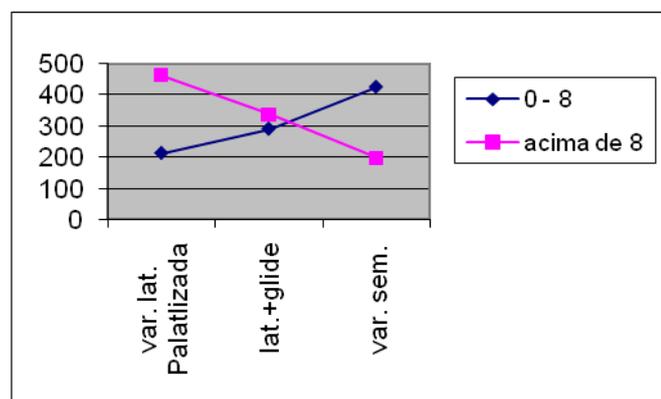


Gráfico 3: distribuição das variantes de /ʎ/ por anos de escolaridade

Pela visualização acima, constata-se o peso da escolaridade para a realização do fenômeno, de maneira que a variante [ʎ] ocupa o ponto mais da escala do nível de escolaridade ao passo que [j] ocupa o mais baixo. A variante [lj] fica em posição intermediária, pelo que se conclui que este fator não atua para sua realização, porém sendo vital para a oposição entre aquelas variantes.

Também a análise binária assim o atesta ao selecionar este fator dentre os grupos relevantes à variação, em duas rodadas binárias.

2.4.Fator Origem Geográfica

Em nosso trabalho, a questão da origem geográfica é fundamental, por ela podemos caracterizar o uso regional das variantes, considerando as principais cidades do estado, devido a sua especificidade histórica e geográfica, e o aspecto fonético aqui estudado.

Isso é possível, pois, como afirma Lyons (1981, p. 248):

[...] é porque sistemas linguísticos fonologicamente idênticos podem se realizar diferentemente no meio fônico que faz sentido falar do mesmo dialeto de uma língua pronunciado com tal ou qual sotaque (...). Pois ‘sotaque’ compreende todo tipo de variação fonética, inclusive aquele subfonêmico no sentido de que nunca é considerado como base de contraste funcional (...).

De fato, em se tratando de ‘sotaque’, normalmente tais variações refletem aspectos associados à região de origem do falante, como podemos constatar na experiência diária.

É o que já havíamos observado quando manipulávamos nossos dados: o maior ou menor uso destas variantes está estreitamente correlacionado às regiões de origem dos falantes. Empiricamente, inclusive, essas diferenças são percebidas pelos falantes: a manutenção da “palatalidade” é dada como ‘fala de Belém’ e a não-manutenção como ‘fala do sul do Pará’, conforme se esteja na região que não seja a própria do falante, fato que nos motivou a pesquisa aqui realizada.

Vejam, portanto, como tais diferenças se configuram nos resultados da tabela 4:

	[ʎ]		[lj]		[j]	
	N/%	p.r.	N/%	p.r.	N/%	p.r.
Belém	425/74	.442	103/18	.173	43/8	.385
Soure	593/59	.329	372/37	.427	37/4	.244
Bragança	273/64	.424	142/33	.422	11/3	.154
Santarém	348/59	.363	231/39	.488	13/2	.149
Altamira	328/60	.197	123/22	.140	98/18	.663
Marabá	303/44	.162	305/44	.336	84/12	.502
Total	2270/59	-	1276/33	-	286/7	-

Tabela 4: Origem geográfica.

Os índices acima confirmam grande parte de nossas hipóteses a respeito deste grupo de fatores, mas, por outro lado, nos surpreendem. Esses resultados remetem a algumas considerações que levam em conta a proximidade geográfica de Belém - como centro irradiador, devido a sua importância histórica e política de capital paraense - o processo de colonização e desenvolvimento e atual situação socioeconômica dessas cidades.

Vemos que a variante palatalizada [j], como prevíamos, é preferida em quatro das cidades estudadas: Belém (.442), Bragança (.424), Santarém (.363) e Soure (.329). Isto confirma o que pensávamos sobre o fenômeno, dadas as semelhanças partilhadas quanto ao processo histórico e a proximidade geográfica (Bragança - 222 km), Soure (a 4hs de barco); nesse último caso, a exceção de Santarém (1.384 km).

Do ponto de vista da fundação, essas cidades compartilham o fato de terem sido fundadas no mesmo período, isto é, século XVII, e colonizadas por portugueses, e por terem desenvolvimento socioeconômico semelhante. Pode-se então creditar a preservação do traço palatal da lateral à forte presença portuguesa no processo de estabelecimento social e cultural dessas cidades e à influência decorrente dela, bem como à irradiação exercida por Belém para as demais cidades. Isso se mostra tão importante que o fato de Santarém ser mais distante capital não afeta a preservação desse traço linguístico em particular.

Um aspecto nos números chama nossa atenção: vemos que Soure, apesar da proximidade e de relativo isolamento, dada sua condição de situar-se na Ilha do Marajó, tem os pesos mais baixos para [j], quando esperávamos, justamente, pesos mais altos. Ao que nos parece, há aqui um fator interveniente, importante relacionado ao fato de ser, hoje, Soure, “a capital do Marajó”, como a chamam seus habitantes, um local altamente turístico, o que pode torná-la mais suscetível a outras influências, mais do que Bragança, que é próxima, e com histórico semelhante.

Esse aspecto parece se aplicar aos usos da variante [lj], não só em relação a Soure, mas a Bragança e Santarém. Estas duas cidades são, atualmente, locais turísticos, e têm em comum a migração nordestina, no caso de Bragança, facilitada pela proximidade do Maranhão, com o qual mantém relações comerciais via Rio Caeté. No caso de Santarém, registra-se a presença nordestina cuja chegada foi facilitada, a partir de 1970, pela rodovia Transamazônica, e, por demais migrantes, especialmente gaúchos,⁸ pela rodovia Santarém-Cuiabá, além de se encontrar mais próxima do estado do Amazonas.⁹

Note-se que a cidade de Marabá, também, parece bastante influenciada pela presença de migrantes, especialmente nordestinos, desde sua fundação em 1913, o que também pode ser dito em relação à Altamira, fundada em 1911, além disso, ambas as cidades são bem distantes de Belém (Marabá-541 km; Altamira 830 km). Além dessas características, essas cidades têm desenvolvimento econômico marcado pelos intensos fluxos migratórios decorrentes de ciclos econômicos, especialmente ligados ao garimpo¹⁰.

É válido ressaltar que a análise de Brandão (1996), quanto aos usos variantes de /k/, em quatro Atlas linguísticos do Brasil (ALPB, AFPB, ALSE, EALMG), ressalta que as áreas cobertas por esses Atlas (dialetos baiano e nordestino) apresentam tendência à *iotização* ou semivocalização.

Ao que nos parece, isso está expresso nas preferências dadas às variantes [lj] e [j], no caso de Marabá, e de [j] no caso de Altamira que marca mais ainda a diferenciação linguística (com pesos relativos altíssimos (.663)) possivelmente pela distância a que se encontra das demais cidades e pela sua posição geográfica mais central no território paraense.

⁸ Conforme informações dadas no CD-ROM do ALISPA Síntese em anexo.

⁹ Uma possível influência pode ser objeto de interesse em futuros trabalhos sobre o falar dessa cidade.

¹⁰ As informações mais gerais sobre todas as cidades encontram-se em anexo.

É curioso observar que essa mesma variante [j] é também preferida em Belém (.385) ao lado de [ʎ]. Isso pode estar relacionado a outros fatores sociais, aqui não considerados, que, no caso dessa cidade, atuariam fortemente para polarizar essas variantes.

A representação das tendências pode ser vista no gráfico abaixo.

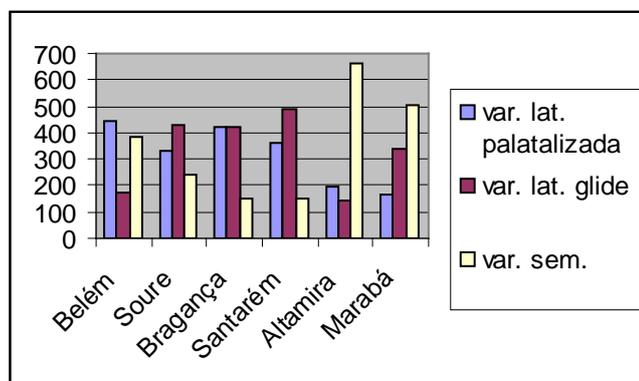


GRÁFICO 5: Distribuição das variantes de /ʎ/ por cidade

Pelo gráfico, vemos o avanço de [j] em Altamira e Marabá, seguida pela variante [lj] em Soure, Bragança e Santarém, enquanto [ʎ] se mantém em vantagem em Belém, o que demonstra a impulsão das duas primeiras formas despalatalizadas, sendo de fato aquelas duas cidades as propulsoras da despalatalização.

A importância desse grupo de fatores é, portanto, confirmada por esses resultados, o que foi atestado em todas as rodadas binárias, que o selecionaram dentre os grupos significativos à variação aqui enfocada.

Conclusão

Os pesos relacionados ao fator *sexo* indicaram que falantes de sexo feminino dão preferência às realizações, [ʎ], [lj] enquanto falantes do sexo masculino têm preferência pela variante [j]. Esses resultados apontam para o fato de que as formas palatal e palatalizada são as formas de maior prestígio entre as mulheres, sendo a variante [j] a realização de menor prestígio, como o comprova sua maior probabilidade de ocorrência entre os homens. Pelo que esses resultados nos mostram, é possível dizer que as formas preferidas na fala feminina são aquelas que, no estágio atual desse falar, garantem a estabilidade em favor daquelas variantes, sendo possível caracterizá-las como variantes conservadoras. A *faixa etária* apresentou os seguintes resultados bastante surpreendentes para nós, especialmente no tocante ao uso de [j] como variante da lateral palatal: esperávamos que ocorresse o contrário, por, comumente, seu uso variante estar relacionado aos falantes mais velhos. Pareceu-nos que aqui outros fatores intervenientes podem estar em ação simultânea: por exemplo, a origem geográfica. Explicamos: considerando aquelas áreas em que predomina a palatalização, pode ser que a despalatalização seja a variante inovadora e as formas palatalizadas sejam conservadoras, sendo por isso marcas próprias de cada faixa etária. É uma nova hipótese que poderá ser testada futuramente.

Os resultados para *anos de escolaridade* nos fizeram constatar que há significativa influência do tempo de exposição à escola sobre as preferências de variantes, demonstrando particularmente que a escolarização atua no sentido da manutenção das formas palatal e palatalizada, enquanto que a variante [j] é a variante que sofre estigmatização.

Por fim, o fator *origem geográfica*, que como vimos demarca bem os usos das variantes. Em síntese temos as seguintes tendências de usos constatamos dois aspectos

principais: as cidades de Belém também implementam o uso de formas palatalizadas (à exceção de Belém, como se vê acima) e (4) as cidades de Marabá e Altamira dão preferência à forma semivocalizada. Esses resultados quanto à *origem*, colocados de modo amplo, permitem-nos dizer que (1) temos duas formas de realização das variantes: de um lado, formas palatal/palatalizada, representadas na fala de Belém, Bragança, Soure e Santarém, e, de outro, formas despalatalizadas, representadas na fala de Altamira e Marabá; (2) a aproximação geográfica entre as regiões onde se situam essas últimas e a história comum de dinâmica migratória (v. anexo: *O Estado do Pará*) podem explicar a preferência pela semivocalização. A partir dessas observações, é possível aventar também a hipótese de uma possível influência da colonização portuguesa em Belém, Bragança, Soure e Santarém, que se revelaria pela preferência pelas formas palatal/palatalizada. Futuros trabalhos poderão dar conta da questão.

Referências bibliográficas

- AGUILERA, Vanderci de A. O fonema [lh]: Realizações fonéticas. Descrição e sua comprovação na fala popular paranaense. In: ENCONTRO NACIONAL DE FONÉTICA E FONOLOGIA, III. *Anais*. João Pessoa: UFPB, 1988.
- ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de. A despalatalização e iotização no Atlas Linguístico da Paraíba. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIN, I. *Atas*. v. II, Dialectologia e Sociolinguística. Salvador: UFBA, 1997.
- ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de. Atlas da Paraíba. In: AGUILERA, V. *A Geolinguística no Brasil*. Londrina: UEL, 1998.
- CAGLIARI, Luís Carlos. *A palatalização em português: uma investigação palatográfica*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – UNICAMP, Campinas, 1974.
- COULTHARD, Malcom. *Linguagem e sexo*. São Paulo: Ática, 1991.
- CRISTÓFARO-SILVA, Taís. *Fonética e fonologia do português*. 4 ed. São Paulo: Contexto, 2001.
- ECKERT, Penelope. The whole woman: sex and gender differences in variation. In: COUPLAND, Nikolas; JAWOISKI, Adam. *Sociolinguistics: a reader*. New York: Sant Martin' Press, 1997. pp.213-227.
- LABOV, William. *Sociolinguistics patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.
- LYONS, John. *Linguagem e Linguística: uma introdução*. Rio de Janeiro: LTC, 1987.
- PAIVA, Maria da Conceição. A variável gênero/sexo. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza. *Introdução à sociolinguística*. O tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2004.
- PINTZUK, Susan. *Programas VARBRUL*. Trad. Ivone Isodoro Pinto. Rio de Janeiro: UFRJ, 1988.
- PONTES, Ismael. *Regra variável e estrutura sociolinguística: um caminho para sistematização da variação linguística*. Tese de Doutorado. Araraquara, São Paulo: UNESP, 1996.
- RODRIGUES, A N. *O dialeto caipira na região de Piracicaba*. São Paulo:Ática, 1987.
- SILVA, Flávia R. Santoro.; MOREIRA, Valéria Regina de O. O comportamento das palatais lateral e nasal na fala de comunidades pesqueiras fluminenses. JORNADA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFRJ, XIX. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras, UFRJ, 1997.

SILVA, Giselle Machline de O., SCHERRE. Maria Marta P. (horas.). *Padrões sociolinguísticos: análise de fenômenos varáveis na cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

SOARES, Eliane Pereira Machado. *Variações dos fonemas palatais lateral e nasal no falar de Marabá-PA*. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal do Pará. Belém, 2002.